

O SURGIMENTO DA ANESTESIA INALATÓRIA

A humanidade descobre o controle total sobre a dor, e melhor, sem riscos!

Devido ao grande número de e-mails recebidos, a coluna saúde animal esclarecerá nas próximas duas edições, mitos e verdades sobre a tão comentada anestesia geral inalatória na medicina veterinária.

A dor acompanhou por muitos séculos a humanidade e os animais até que, castigados com o sofrimento



contínuo, os homens começaram a lutar por vencê-la mediante os recursos encontrados na natureza. Empregavam-se agentes anestésicos desde os mais antigos tempos. Os egípcios utilizaram largamente a cirurgia e, provavelmente, lançaram mão de narcóticos de várias espécies.

De desengano em desengano, de fracasso em fracasso, mas sempre animados pela esperança, os homens atiraram-se à descoberta da anestesia. Batalharam, sofreram e afinal conseguiram vencer a dor. A morfina, a cocaína, o éter, o clorofórmio e numerosos outros recursos da ciência foram pouco a pouco sendo descobertos e

empregados nesta luta contra a dor.

Os chineses conheciam o ópio, o haxixe e suas propriedades analgésicas. Além dos agentes, diversos métodos físicos, cruéis e bizarros eram empregados com a finalidade de obter uma inconsciência temporária. Por exemplo: para levarem a bom termo operações de circuncisão, os assírios asfixiavam as crianças por estrangulamento. Empregou-se, também, a concussão cerebral produzida por uma pancada na cabeça, com um objeto de madeira.

A mais antiga referência escrita sobre anestesia que se conhece foi encontrada no tratado de Trinitate de St. Hilaire de Poliers (cerca de 350 A.C), que escreveu: "a alma pode ser levada ao sono por medicamento e, assim, superar à dor e produzir na mente um esquecimento em seu poder de percepção, semelhante à morte".

O primeiro passo para a anestesia geral foi dado por Joseph Priestley, ao descobrir o dióxido de nitrogênio em 1773. Coube a Humphry Davy, um aprendiz de farmácia, na pequena cidade de Penzance, na Inglaterra, em 1796, experimentar os efeitos da inalação do NO₂. Ele verificou que o gás produzia umas sensações agradáveis, acompanhadas de um desejo incontrolável de rir. Certa noite estava com dor de dente e, ao inalar o gás, notou que a dor desaparecera por completo. Deduziu que, se o NO₂ suprimia a dor, poderia ser empregado no tratamento de outros tipos de dor.

Para expor o surgimento do tão famoso éter voltaremos ao século XIII onde Raymond Lulle, o doctor illuminatus, descobriu um líquido branco que denominou "vitriolo doce". Duzentos anos, porém, deviam escoar-se antes que fossem reconhecidos os efeitos calmantes desse líquido, que em 1792 passa a ser chamado de éter pelo farmacêutico alemão Frobenius. Nos Estados Unidos, os efeitos inebriantes do NO₂ e do éter tornaram-se conhecidos e eram freqüentes os espetáculos públicos de inalação de gás hilariante, assim como reuniões reservadas de inalação de éter, conhecidas como Ether parties ou ether frolics. Foi em um desses espetáculos de inalação de gás hilariante que Horace Wells, dentista na cidade de Hartford, tomou conhecimento da propriedade. Teve, então, a idéia de utilizá-lo em extrações dentárias. Fez umas experiências em si mesmo, solicitando a um colega que lhe extraísse um dente após inalação do NO₂. Não somente não sentiu dor, como experimentou uma sensação de euforia e bem-estar. A história posterior da anestesia é um capítulo à parte, e diz respeito à introdução e desenvolvimento de novos agentes e técnicas. A anestesiologia faz parte, agora, do currículo médico e médico veterinário. Como tudo se desenvolveu na medicina, o mesmo aconteceu com a anestesiologia.